

Mais uma experiência pedagógica

ESTADO DE SÃO PAULO

O novo projeto da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para enfrentar os males da repetência tem provocado diferentes reações. Em termos simples, o projeto pretende readequar o aluno atrasado em sua escolaridade em relação à faixa etária, fazendo-o freqüentar aulas em sala especial. Depois será submetido a exame para verificação do conteúdo assimilado, podendo saltar até três séries. O objetivo é estabelecer um curso anual intensivo, buscando recuperar o tempo. A idéia, que pode encontrar quem a defende teoricamente, provocou reações imediatas.

Essas reações começaram pelo sempre saudável exercício da prudência, passando por um esquecimento do que efetivamente merece ser ressaltado quando se discute ensino público e indo até desconfianças que não podem ser desprezadas

sem maior análise. Inegavelmente, se a solução da "sala de aceleração pedagógica" for utilizada sem maiores cuidados, o risco de aumentar alunos mal formados é evidente. A "aceleração" não pode ser usada como remédio para os males de um sistema educacional falido. Isoladas, as 150 salas piloto do projeto pouco poderão servir de amostragem quanto à eficiência ou risco da idéia. Bem diferente será um amplo apoio técnico-pedagógico a essas salas piloto. O mencionado exemplo de uma escola de primeiro grau na periferia paulistana só merece menção quando analisado em seu todo: uma direção comprometida com o projeto (o que garante forte apoio institucional), condições mínimas de aplicabilidade (presença de estagiárias de um curso anexo de Magistério) e, o mais importante, uma orientação pedagógica cons-

tante e real. Em quantas das 150 salas piloto poderemos contar com tais recursos?

Esse é o ponto que deve ser ressaltado em uma rede com quase 7 milhões de alunos. A repetência, como se sabe, é o nó górdio que estrangula o sistema.

Não há evasão escolar significativa; há uma impressionante incidência da repetência escolar. A família faz o possível e o impossível para manter a criança na escola; quem a empurra para fora parece ser a instituição! O ensino oferecido é que provoca a repetência da criança nos índices alarmantes com que convivemos. Enfrentar essa elementar verdade implica não criar paliativos. Inclusi-

ve os engenhosos! São Paulo tem índices de repetência menores que os nacionais, mas efetivamente muito altos. Por outro lado, tem recursos para enfrentar o problema que talvez até passem também, em casos específicos, pela "sala de aceleração pedagógica".

Solução mesmo virá com a melhora da qualidade do sistema educacional. Por mais respeito que mereça a tentativa de devolver a "auto-estima do aluno" várias vezes reprovado, a pressa da

**O projeto para
buscar eliminar
um tipo de
repetência deve
ser pensado com
mais vagar**

implantação deixa no ar uma tentativa de conter, pelo fato consumado, a sangria de pelo menos R\$ 540 milhões por ano com os repetentes. Esse não é o melhor caminho para devolver qualidade ao sistema.